

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CARTAS DE MARTINS SARMENTO AO PADRE MARTINS CAPELA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1930 | Número: 40

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Martins Sarmento ao Padre Martins Capela.
Revista de Guimarães, 40 (3-4) Jul.-Dez. 1930, p. 81-87.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cartas de Martins Sarmiento ao Padre Martins Capela

Guimarães
8,12,83

Meu am.º

A interpretação que deu á inscripção de Rio Mau é a corrente. O Philippe Simões callou-se, quando chegou ao nome adeante de Petrus; mas o Possidonio, que é mais arrojado, traduziu *Deimagis*. Deimagis!

Onde diabo foi elle buscar isto? Que em D me parece conter-se Dei, sim; mas o *magis* não o vejo, bem que a ideia de $\tilde{\eta}$ o nome enigmatico deve ligar-se a *indignus* já me tivesse occorrido. E' talvez em virtude d'uma lembrança do mesmo farello que o Possidonio quiz ver um — mais indigno sacerdote de Deus? Isso agora!

A inscripção de S.^{ta} Comba já vem no Hübner, e elle restitue-a assim:

PRO SALVTE
IVLIAE AVG
MATRI (!) deve ser «mátris»
CASTROR(VM
ET AVG. CLAV
DIVS MA
RINVS

As duas ultimas linhas deixa-as nos limbos. O Aug. parece ser Septimio Severo, segundo se vê d'outras inscripções, e a Julia Aug. Julia Domna, sua espoza, alcuñhada, como outras que taes, MATER CASTRORVM.

A penultima linha da sua copia não dá nada aos prophanos, como eu; mas ella deve fazer ja parte da formula dedicatoria; e, quando tornar a S.^{ta} Comba, ja sabe que tem de fazer a conquista das 2 ultimas linhas, p.^a $\tilde{\eta}$ a inscripção entre no rol das authenticas e completas.

De V. Ex.^a

am.º e m.^{to} obrg.^{do}

F. Martins Sarmiento.

Guimarães,
6,2,85

Meu caro am.º

Muito bem apparecido!

Não sabia por onde estava agora e não sei que palpite tive de que não tinha ainda este anno realisado a sua digressão.

Creio que lhe não vale a pena vir a Guimarães expressamente por causa do 'Deposito Archeologico', como lhe chama a Direcção da Sociedade.

E' apenas um nucleo de museu e p.^a encher o pequeno recinto, onde elle fica, tive de mandar vir algumas pedras da Citania que são ja do meu conhecimento. Tem tres ou quatro inscripções curiosas, mas posso lhe mandar a copia, querendo-as, poupando o ao trabalho d'uma jornada.

Não conheço nada dos sitios por onde andou. Creio porem nos 2 Castros, sem mais explicações, porque elles eram tantos como a chuva. No Marco de Canavezes, onde ha hoje dois sujeitos, um pouco atacados da mania das velharias, cada dia vão apparecendo destas ruinas. Mas os trabalhadores são poucos. De resto as antiguidades sahem-nos debaixo dos pés. Não ha um mez que nesta boa terra appareceu uma ára com uma inscripção — a 200 passos talvez da minha porta. Diz :

VRBÁN
PROCRY
SEDE
NYMPHIS
EX VOTO
POSVI (sic)

Lembra-se da caza de Levio? Pois esta ára appareceu n'uma *caza de Levio*. Pobres Nymphas! A proposito de Nymphas, ha nas Caldas, entre Villa Verde e Amares duas inscripções que as mencionam. Deram-me uma copia, mas tão mal tirada, que não entendo o nome do dedicante. Veja se lhe presto para alguma cousa, que estou sempre á sua disposição.

De V. Ex.^a

am.º e obrig.^{do}

F. Martins Sarmiento.

I Meu am.º

Estou em duvida se ainda este anno poderei publicar o meu estudo sobre a trapalhada dos Argonautas. Tenho mt.º boas feções de provar por $a + b$ que esta legenda é uma narrativa hist. d'origem phenicia, mas que os Gregos naturalisaram grega com a maior ingenuidade, dando-lhe alem disso um theatro geographico diametralmente opposto ao da tradição phenicia. Assim na legenda phenicia fallava-se d'uma viagem de reconhecimento e exploração p.^a fora do estreito de Gibraltar, composta de 2 navios, um dos quaes se encarrega da exploração p.^a o norte, outro p.^a as costas occidentaes da África. Os 2 navios sahem de Tyro, mas é em Tartesso e onde os Tyrios tem já uma feitoria ou começo della, que os dois navios expedicionarios se separam, cada um p.^a o seu destino. Estas 2 viagens acham-se ligadas e formando uma só nas argonauticas que possuímos e nos Errores d'Ulysses que não são, a meu ver, senão uma parodia da viagem dos argonautas e um subsidio precioso para a comprehender. As mesmas duas viagens, mas separadas, apparecem no 10.º e 11.º trabalho d'Hercules — a mesma legenda argonautica, com outra forma e nomes.

Quem deste ponto de vista estudar o poema d'Apollonio de Rhodes que tratou o assumpto com o maior desenvolvimento, começa a apanhar revelações curiosas. Por exemplo, na opinião d'Apoll. como de todos os gregos, a expedição de Tartesso para a celebre Aea tem por theatro principal o Euxino; mas o bom do poeta diz-nos que *Aea* (1) é uma ilha nas extremidades do mar e da terra. Estas indicações são certam.^{te} tradicionaes e quadravam excellentem.^{te} á Inglaterra, onde era Aea. Os gregos levados das suas illusões vão pôr Aea na Colchida, que nem é uma ilha, e que collocada nas extremidades da terra é um absurdo sem parelha. O regulo de Aea, Aetes escabreado pelos phenicios dá-lhes caça.

O theatro da perseguição foi o mar do norte e não o Euxino. O regulo tinha-lhes tomado a sahida do estreito

(1) No precioso livro *Os Argonautas* o grande Mestre ortografou *Ea*.

(Passo de Calais e não os Dardanellos), e os mercadores phenicios, auxiliados por um neto do rei, que se bandeára com elles, indica-lhes um outro caminho de salvação pelo Eridano e Rhodano. O Eridano dos antigos era o Rheno, mas de certo tempo por diante os gregos embirraram que era o Pó e assim o entende Apollonio — de modo q̃ o poeta arranja um itinerario espantoso: do Euxino os Arg. passam pera o Adriatico, d'ahi entram no Pó (Eridano); do Pó passam p.^a o Rhodano; em vez de descer por elle, como queriam, para sahir ao mediterraneo, sobem-n'o *por engano* e vão parar ao paiz dos Lagos (Suissa) e ao bosque Hercynio, arripiando depois o caminho, desde que vêem q̃ vão errados. O *engano*, é, no meu entender, uma preciosa revelação, e uma prova das illusões d'Apoll.

Os Arg. sobem o Eridano (Rheno) e *enganam-se* effectivam.^{te} não largando o Rheno, onde deviam, p.^a passar p.^a o Doubs e d'ahi p.^a o Rhodano e é por isso que vão parar ao bosque Hercynio — i. é. ás fontes do Rheno aonde forçosam.^{te} haviam de ir dar, desde q̃ continuam a subil-o. Esta viagem ao norte e volta, alias m.^{to} curiosa e de optimas ensanchas p.^a considerações de 1.^a ordem, é uma cousa m.^{to} simples e que Apoll. complicou d'um modo incrível, porq̃. alem de tudo, dá-nos sem o saber, um duplicado destas aventuras. Mas nada mais simples. Os phenicios de Tartesso vão a Aea, onde havia o celebre vellocino d'ouro (a noticia das famosas ilhas do estanho — outra curiosidade — as minas ja eram celebres antes de lá chegarem os mercadores de Tyro); asneiam com um dos reis da ilha que lhes corta a retirada pelo Passo de Calais, e depois de diff. aventuras (a tragedia d'Absyrto q̃ se passa na foz do Rheno, a celebre Pheacia), os mariolas escapam-se pelo Rheno e Rhodano.

A outra expedição, a das costas occ. da Libya também é curiosa.

Apoll. ata-a com a primeira e põe o teatro das scenas principaes na Grande Syrte, onde engenha um Lago Triton. Sim; mas na Grande Syrte não ha Lago Triton nenhum, e o poeta diz-nos que os Argonautas no L. Triton se viram incommodados pelos ventos ardentes que sopravam no *mar austral*. E' um *pendant* da tolice d'Aea nas *extremidades do mar e da terra*. O Lago Triton ficava no *mar austral* e realm.^{te} Diodoro diz-nos que perto do Atlas

havia um Lago Triton. Eu ponho este Lago e a Syrte, onde encalharam os heroes na Syrte do C.^o Bojador, o celebre C.^o do Não.

Tenho esperanças de demonstrar tudo isto á ultima evidencia; mas imagine o trabalho que tudo isto me tem dado e quantas centenas de volumes tenho revolido. Infelizmente era a cada passo interrompido nesta massada ã precisa d'uma attenção que fatiga.

Veremos depois se a mania dos cellistas ainda persiste. De certo persistirá, embora se prove ã no tempo dos arg. (sec. 12.^o pouco mais ou menos) todo o occidente era habitado por povos, da origem dos Cambrios actuaes e ã os Celtas vieram uns 3 seculos depois.

Quanto ás inscrições temos:

2 ao deus Bormanico ja conhecidas nas Inscrp. de Hubner.

Encontrada na torre de Ronfe:

CELEA | CLOVTI | DEO DVRB | EDICO. V | S. L

De Burgães, copiada erradam.^{te} em Hubner:

DEO DOMENO (p. domino?) CVSVNENGO ECO
EX VOIO. Ao lado: SEVERVS POSVIT.

De Cerzedello:

a) | DVI OPTIMO MAXSIMO (sic)
b) PATERNV FLAV | A I A I.^oDS | VIT
I I XSV | OCOMIL.
Ao lado: CORONO (O demo de decifrar).

De Delães:

I — BRICO
FLAVSA —
PILI VAL
ABRICII (=E)
NSIS VO
TVM S. L.
M. MIIRITO (—E). Não percebo o M. antes de merito.

De Guim.^{es} — as nymphas latrinarias. Remetto copia.

De Negrellos :

- a) IOVI (mutilada)
 b) D. M. P. | FLAVINUS SORORI AN. XX.

De Carqueres :

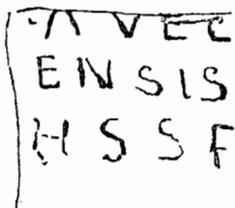
- a) PISSIRVS | MEBDI. F. | H. S. E. |
 S. T. T. L. | P. F. C.
 b) D. M. S. | AME | NA' ILXI (Amena Iluxi?)

(Curiosas, porq̃. a pedra tem na p.^{te} superior o quer q̃ seja q̃ indica uma cara, e logo abaixo, no logar competente ainda assim, duas saliencias, indicando os peitos da Amena).

De Abação :

.VLPICIVS \$ IBIPOSVIT.

De Vizella :


 (truncada)

S. Claudio, n'uma lage :

CVLCM
 V.

Da Citania:

CAAI (DOM) CATVRO.
 CORONERI
 CAAI
 DOMVS.

Do Freixo (Marco de Canavezes):

G)ENIO
 ONCORI C= BRI | Oncobri —
 CENSIW—(=IVM | censium.
 ANIVS
 VS.LA.M (?).

Quasi todas as inscrições são inéditas.
 Não ha tempo para mais.

Am.º e obg.^{do}

F. Martins Sarmiento.